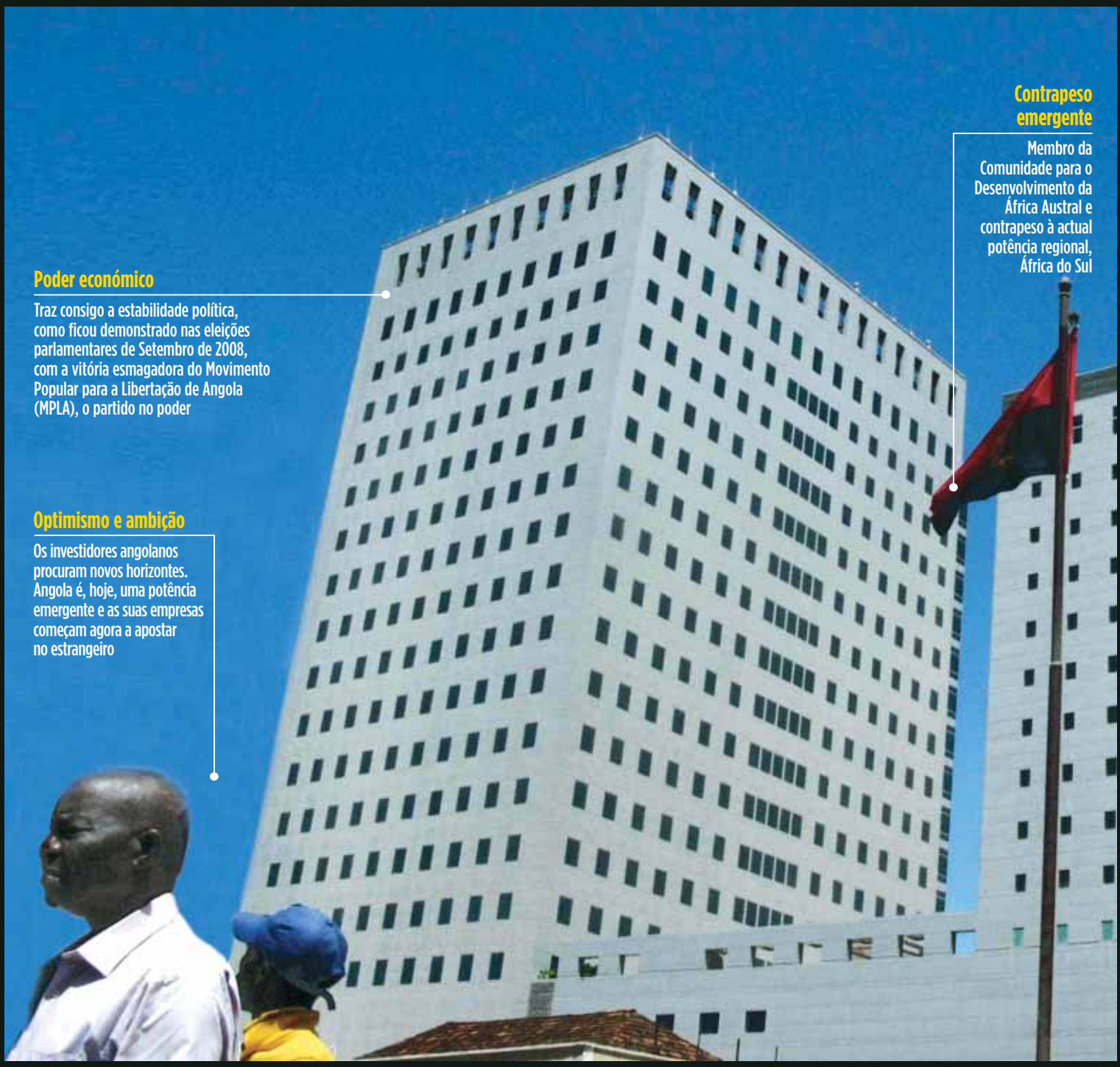
Dossier Promocional
Maio 2009
www.peninsula-press.com

ANGOLA

Reconhece esta nação?

A guerra há muito que acabou. A nova potência africana, estimulada pelo extraordinário crescimento económico e pelo êxito das eleições, é, hoje, um país seguro, estável e a fervilhar de investimentos que procura construir uma prosperidade que não dependa apenas do petróleo.



Contrapeso emergente

Membro da Comunidade para o Desenvolvimento da África Austral e contrapeso à actual potência regional, África do Sul

Poder económico

Traz consigo a estabilidade política, como ficou demonstrado nas eleições parlamentares de Setembro de 2008, com a vitória esmagadora do Movimento Popular para a Libertação de Angola (MPLA), o partido no poder

Optimismo e ambição

Os investidores angolanos procuram novos horizontes. Angola é, hoje, uma potência emergente e as suas empresas começam agora a apostar no estrangeiro

Introdução

RECONHECE ESTA NAÇÃO?

Recebe cinco novas propostas de investimento por dia. Regista um crescimento económico de dois dígitos. As eleições legislativas mereceram o aplauso da comunidade internacional. A visita do Papa foi triunfal. E, por ser um destino turístico emergente, vai receber, no próximo ano, a elite do futebol africano, que aí disputará a Taça das Nações Africanas.

Reconhece este país?

É Angola nos dias de hoje.

POR SIDDARTHA MITTER*

A história de sucesso de Angola reside nos números. Segundo as mais recentes previsões do governo angolano e do Fundo Monetário Internacional, o Produto Interno Bruto real cresceu, nos últimos dois anos, 21% e 15%, respectivamente. Em 2009, e não obstante a descida dos preços do petróleo e o abrandamento global, estima-se que o crescimento económico angolano se mantenha próximo dos 10%.

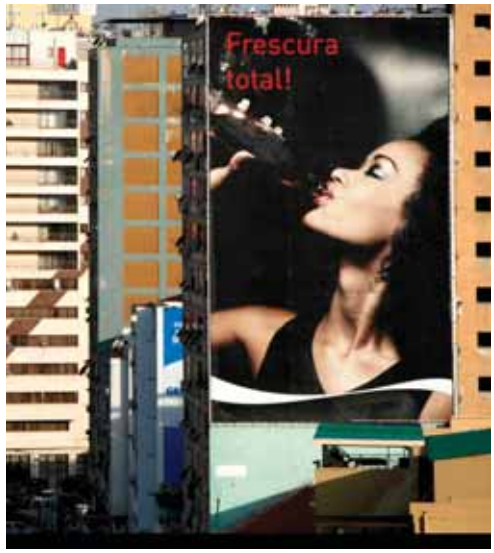
A descoberta de novas jazidas petrolíferas continua a bom ritmo. No ano passado, Angola ultrapassou a Nigéria e tornou-se no maior produtor de petróleo africano, exportando, diariamente, dois milhões de barris.

Angola é hoje muito diferente de Angola em 2002, ano em que terminou a guerra civil. Então, a economia estava paralisada: não havia reservas monetárias, a inflação crescera para os 300% e a dívida ao Clube de Paris ascendia a 2,3 mil milhões de dólares (1,7 mil milhões de euros). Os guerrilheiros da UNITA ainda controlavam algumas zonas do país e a produção petrolífera – embora relativamente protegida em *offshore* – tinha caído para um terço dos níveis actuais.

Feito o balanço, importa olhar para a Angola de hoje. A inflação está controlada e situa-se nos 10%. As reservas monetárias estão calculadas em 20 mil milhões de dólares (15 mil milhões de euros). É possível viajar livremente e em segurança por todo o país. As infra-estruturas estão a ser recuperadas em larga escala. A dívida ao Clube de Paris foi saldada e tanto o comércio como a banca encontram-se em franco crescimento.

Tudo isto em pouco mais de seis anos. Angola está, hoje, em plena mudança. O crescimento do investimento estrangeiro transformou o país – cujas estradas e serviços foram devastados pela guerra – num gigantesco e fervilhante estaleiro de construção. O governo do Presidente José Eduardo dos Santos deu prioridade máxima ao desenvolvimento e, para atingir esta meta, deu luz verde à entrada de empresas de vários países, entre os quais China, Portugal, Brasil e Estados Unidos. A Agência Nacional de Investimento Privado (ANIP) recebe, todos os dias, novas propostas de investimento.

Angola é uma potência emergente e a prova disso são os investimentos das suas empresas no estrangeiro. O gigante do petróleo angolano, a Sonangol, adquiriu uma participação de 10% no capital do Millennium BCP, sendo que já detém 45% da Amorim Energia, que, por sua vez, controla 33,4% da Galp Energia. A Santoro Holding optou por comprar uma participação no capital do BPI. Estes investimentos estão centrados em Portugal, antiga potência colonial, mas os inves-



tidores angolanos têm planos para expandir os seus negócios.

O vigor da economia trouxe estabilidade política, como ficou patente nas eleições parlamentares de Setembro de 2008. O MPLA, partido no governo, foi o vencedor incontestável num escrutínio acompanhado por observadores internacionais, ao qual concorreram 14 partidos e coligações.

Os líderes mundiais congratulam-se com o desempenho de Angola, que mantém relações diplomáticas fortes com as maiores potências e recebe frequentemente visitas ao mais alto nível. A visita do Papa Bento XVI em Março deste ano foi especialmente simbólica para um país maioritariamente católico, onde, no passado, a Igreja criticou amiúde o MPLA.

No continente africano, a afirmação de Angola veio contrabalançar a hegemonia regional da África do Sul e permitiu-lhe desempenhar um papel central na estabilização política da República Democrática do Congo. A presença de empresas e fundos angolanos nos PALOP – Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa – tem sido igualmente reforçada. A Taça das Nações Africanas, que terá lugar em Janeiro de 2010 em Angola e que serve de prelúdio ao Mundial de Futebol a realizar em Junho na África do Sul, é um dos maiores símbolos dos progressos do país.

Não há dúvida que Angola vive os seus anos de ouro desde a independência, em 1975, mas o caminho a percorrer ainda é longo. O ambiente de negócios continua refém da burocracia, mas não só. O país também se debate com a escassez de mão-de-obra altamente qualificada e com a ausência de capacidade administrativa em resultado da guerra civil. A Transparency International, que monitoriza a corrupção global, coloca Angola no 158º lugar numa lista de 180 países. Na capital, Luanda, a população cresceu exponencialmente, o trânsito é caótico e os sinais exteriores de riqueza andam lado a lado com bolsas de pobreza. Actualmente, os preços imobiliários são muito elevados e a distribuição de água e electricidade precisa se ser melhorada.

A corrupção e a escassez de capital humano e físico são apenas parte do problema num momento em que o país procura ultrapassar os horrores da guerra e tomar o rumo da prosperidade. "A imagem de Angola tem sido, até hoje, a de um país corrupto e em guerra, mas, actualmente, a realidade é outra", afirma Mário Cirilo de Sá, presidente do Centro de Estudos Estratégicos de Angola. "Mas sendo essa a imagem que as pessoas têm do país, teremos que trabalhar arduamente para mudá-la". ■

Foreign Policy

TODOS OS CAMINHOS VÃO DAR A ANGOLA

Desde a independência que o percurso político de Angola tem sido traçado por poderosas forças geopolíticas em que as hipóteses de sobrevivência são escassas. Numa primeira fase, a Guerra Fria e a luta contra o Apartheid arrastaram o país para o conflito, injectando ideologia na sua política. Depois, a paz regressou ao país para ser interrompida em 1992, ano em que o movimento rebelde UNITA, insatisfeito com os resultados das eleições, retomou a guerra civil durante mais uma década. POR SIDDARTHA MITTER*

Volvidos sete anos sobre o fim da guerra civil, em 2002, Angola, nação rica em petróleo e politicamente estável – as eleições parlamentares de 2008, aplaudidas pela comunidade internacional, assim o atestam – volta a ocupar o seu lugar no palco mundial pautando-se por um princípio simples, mas extremamente eficaz: o pragmatismo.

As necessidades de Angola são muitas e prementes. As infra-estruturas do país, destruídas pela guerra, são insuficientes para dar resposta ao vasto potencial de recursos e para servir a sua população, constituída, maioritariamente, por jovens: 60 por cento dos angolanos têm menos de 20 anos e prevê-se que a população triplique de 15 para 45 milhões em 2050.

Angola repudiou a doutrina marxista seguida nos primeiros anos da independência e optou pelo livre mercado, pelo que precisa agora de investimentos físicos e sociais que ajudem a economia a prosperar e permitam distribuir a riqueza por todos.

O facto de Angola assumir a presidência da OPEP dois anos depois de integrar o grupo é a prova da sua rápida e crescente importância no seio dos países produtores de petróleo. Porém, a recente volatilidade dos preços do petróleo revelou os riscos e as fragilidades de uma economia dependente de um único recurso. O orçamento de Angola para 2009 estima o preço do barril de petróleo em 55 dólares. Na altura em que foi apresentado, foi visto como conservador, no entanto, terá que ser revisto em baixa, tal como o crescimento que, por ora, se prevê inferior ao dos últimos anos.

A necessidade de diversificar a economia e de gerir cuidadosamente o sector petrolífero estão na base de uma nova política externa, que abre portas a praticamente todas as parcerias que permitam atingir estes objectivos. A parceria com a China é um dos melhores exemplos. Neste caso, as exportações de petróleo angolano financiam uma linha de crédito chinesa, que alimenta, por sua vez, a construção massiva de infra-estruturas e habitações em todo o país.

As relações entre Angola e Portugal, antiga potência colonial e principal parceiro comercial, mantêm-se igualmente fortes. Prova disso foi a visita do presidente angolano, José Eduardo dos Santos, a Lisboa em Março de 2009 e a criação de um banco de investimento com capitais dos dois países no valor de mil milhões de dólares (751 mil milhões de euros). Angola tem ainda na mira outros países da União Europeia e já recebeu, em 2008, a visita do presidente francês, Nicolas Sarkozy. Rússia, Índia e Israel, entre outros países, também reforçaram laços comerciais e políticos com Angola nos últimos anos. Os EUA estão, contudo, em segundo plano. Embora as relações entre os dois países sejam boas, continuam superficiais comparando com as que Angola mantém com a Europa e a China, e com o peso que certas empresas americanas, como a Chevron, têm há longos anos no terreno. Angola nunca foi uma prioridade para a administração Bush, excepto na área dos recursos petrolíferos. Luanda é hoje o sexto maior fornecedor de petróleo dos EUA.

Mudanças geopolíticas

As mudanças geopolíticas que têm tido lugar na África Austral transformaram Angola num potencial activo para a política externa da administração Obama por ser um país politicamente estável e orientado para o livre mercado, e por ter uma estrutura militar altamente profissionalizada. Angola afirma-se hoje na Comunidade de Desenvolvimento da África Austral (SADC) como contrapeso à principal potência regional, a África do Sul que, em breve, vai iniciar um processo de transição política sob a batuta do novo líder do Congresso Nacional Africano (ANC) e futuro presidente do país, Jacob Zuma.

Angola surge ainda, perante a situação explosiva do Zimbabué, como modelo de desenvolvimento político pacífico: o governo não só conseguiu estabilizar a hiper-inflação no início da década como integrou com êxito os ex-rebeldes da UNITA na arena política. Angola reúne todas as condições para se tornar numa potência militar. O governo do seu conturbado vizinho, a República Democrática do Congo, saiu fortalecido graças ao apoio prestado por Luanda.

Nos EUA, observadores como o Conselho para as Relações Externas e o Centro de Estudos Estratégicos e Internacionais acordaram dar maior relevo a Angola na diplomacia americana, em consonância com o

crescente papel que o país desempenha na região. Na mente de muitos políticos persiste, contudo, uma imagem datada como adversário na Guerra Fria transformado num produtor de petróleo unidimensional.

A entrada em cena de novos parceiros no desenvolvimento da economia nacional – dos milhares de milhões de dólares de investimentos chineses em infra-estruturas às 10 mil empresas portuguesas que se estima operarem hoje no país – e a gestão competente dos interesses angolanos, hoje nas mãos da conceituada petrolífera nacional, Sonangol, que também tem vindo a investir no estrangeiro, são razões de peso para os EUA reforçarem os laços políticos e económicos entre os dois países.

O "agribusiness", as tecnologias de informação e comunicação, o turismo e a hospitalidade são áreas com potencial de investimento. A inflação está controlada e embora Angola esteja exposta às flutuações dos preços do petróleo, o facto de ter um mercado de capitais relativamente pequeno ajudou a suavizar o impacto da actual crise financeira.

O governo angolano já mostrou que está interessado em estabelecer uma relação mais estreita com os EUA e outros parceiros, e que não se deixou monopolizar pelos laços que mantém com a China. Tomou medidas no sentido de alinhar os seus padrões com aqueles que vigoram no Ocidente em termos de governo e gestão económica, solicitou ao Fundo Monetário Internacional (FMI) uma análise das finanças do governo, apesar de não ter nenhum programa do Fundo em curso, e mostra-se disposto a divulgar as receitas petrolíferas.

O êxito das eleições de Setembro de 2008 – as primeiras desde 1992 – legitima a democracia multipartidária de Angola. O novo sistema de votação, informatizado e baseado em dados biométricos é, aliás, um dos mais avançados do mundo e menos permeável à fraude. Apesar de os observadores terem elogiado a forma como o escrutínio decorreu, não deixaram de alertar para o facto de o poder de incumbência do MPLA ter saído reforçado e de isto poder vir a ter consequências nas eleições presidenciais a realizar no final deste ano, bem como nas posteriores eleições municipais e regionais. A popularidade do partido no governo não é, contudo, posta em causa.

Este gigante emergente tem pela frente inúmeros desafios para poder tirar pleno partido dos seus vastos recursos naturais e para assegurar um crescimento amplo e sólido a uma população que ainda está a recuperar de uma geração de guerra civil. Angola carece de medidas que ajudem o país a resolver a escassez de infra-estruturas e a dotar a mão-de-obra nacional de competências.

Angola tem provado, mês após mês, que virá a desempenhar um papel importante como motor de crescimento económico e de estabilidade regional na África Austral. A mensagem do governo angolano, onde reitera a sua abertura e pragmatismo, foi claramente ouvida pelo resto do mundo. ■

(*) Jornalista sediada em Nova Iorque e especialista em Assuntos Africanos e em indústria energética.

P&R

Francisco Ribeiro Telles

Embaixador de Portugal em Angola

Como define a situação actual em Angola?
Angola está a consolidar a sua democracia e será uma referência para a estabilidade da África Austral. O governo angolano criou as bases para que isso aconteça.

A estabilidade veio para ficar?
Houve eleições parlamentares em Setembro de 2008 e estão previstas eleições presidenciais para o final de 2009. E a se a conjuntura o permitir, haverá eleições locais em 2011. A comunidade internacional tem presentes estas eleições. Angola quer ser vista como um país estável e empenhado na reconstrução do sistema democrático. Este objectivo está intimamente ligado ao papel que Angola ambiciona assumir no futuro: um país com forte influência na região.

Em que pé se encontram as relações comerciais entre Angola e Portugal?
Angola é hoje o principal mercado de Portugal fora da zona Euro, e o quinto maior parceiro comercial, tendo ultrapassado os Estados Unidos. Além disso, Portugal vai funcionar como "porta de entrada" para os futuros investimentos de Angola na Europa. Angola vai ser um país extremamente competitivo internacionalmente.

Kundi Paihama **Ministro da Defesa**

UMA POTÊNCIA REGIONAL AO SERVIÇO DA PAZ

O ministro da Defesa Kundi Paihama afirma que as relações com os EUA começaram a melhorar a partir do momento em que Angola decidiu apostar na cooperação internacional com vista a estimular o seu desenvolvimento. Paihama diz que a prioridade do governo é criar "igualdade de oportunidades" e não se inibe de descrever Angola como uma potência regional.

Após anos de relações tensas, Angola e EUA estão actualmente a cooperar em programas de desenvolvimento e defesa. Para Angola, esta é apenas uma parte da sua estratégia de afirmação no mundo, de desenvolvimento e melhoria das condições de vida da sua população.

"Durante a Guerra Fria, tínhamos uma relação algo distante com os EUA. Não partilhávamos valores comuns", refere o ministro da Defesa, Kundi Paihama, que também tem responsabilidades na diplomacia angolana. "A vida é feita de mudanças. Nessa altura éramos jovens e a América sinónimo de imperialismo. Hoje em dia, os americanos olham para o continente africano e vêem-nos como parceiros estratégicos. Compreendem os nossos objectivos e nós agradecemos essa compreensão", sublinha.

Esta aproximação entre os dois países já deu frutos ao nível da cooperação na área da Defesa. "Colaboramos na esfera militar, mas ainda só estamos a dar os primeiros passos. O mais importante agora é estabilizar esta relação. Temos *task forces* técnicas que identificam as áreas de cooperação e que nós depois analisamos. Não há desconfiança. Há, sim, uma boa relação".

Paihama, membro de longa data do Movimento Popular para a Libertação de Angola (MPLA), é de Kipungo, região localizada entre

P&R

Gen. Mário Cirilo de Sá "Ita"

Presidente
Centro de Estudos Estratégicos

Que imagem têm os outros países de Angola?
A visão que têm de Angola, invariavelmente, é a de um país corrupto e em guerra, mas a realidade hoje é outra. É difícil mudar esta imagem, mas as políticas do governo angolano acabarão, seguramente, por mudar esta percepção.

Que papel desempenha o Centro de Estudos Estratégicos?
O centro é um "think tank" que tem por meta ajudar Angola a encontrar o caminho certo para um desenvolvimento económico sustentado e para a consolidação da democracia. O nosso trabalho é tornar Angola num país próspero.

Que influência política exerce Angola actualmente?
Angola tem vindo a desempenhar um papel cada vez mais importante na África Central e Austral. Participou no processo de independência do Zimbabué, contribuiu substancialmente para o fim do Apartheid na África do Sul e ajudou à mudança política na República Democrática do Congo.

“

Seremos flexíveis e aceitaremos a dinâmica da mudança. E, no que respeita à globalização, aceitaremos o que os outros dizem e fazem. O segredo está numa cooperação honesta, adequada e construtiva.

as províncias de Huambo e Huíla, e foi eleito para o Parlamento em Setembro. “Estamos a construir uma Angola livre para todos. Uma Angola com igualdade de oportunidades”, realça destacando as três prioridades do governo: combater a pobreza, melhorar a educação e os cuidados de saúde. “Os angolanos nunca perderam a esperança. Mesmo nos momentos mais difíceis, sempre acreditaram que melhores dias viriam”.

Para atingir estes objectivos, Angola precisa de ferramentas e de amigos, assim como de programas que possam ajudar a reduzir a pobreza e, acima de tudo, a fome. O caminho rumo ao desenvolvimento é irreversível e não dispensa a cooperação internacional. “Não vamos despender energias com questões que não tragam benefícios para o nosso povo. Seremos flexíveis e aceitaremos a dinâmica da mudança. E, no que respeita à globalização, aceitaremos o que os outros dizem e fazem. O segredo está numa cooperação honesta, adequada e construtiva”, afiança Paihama. “Temos uma elevada noção de responsabilidade e de Estado. Há quem diga que somos ‘africanos de confiança’”, remata com uma nota de humor.

A Defesa é uma pasta sensível na maioria dos países e, quiçá, mais ainda em Angola dada a história recente da região. Hoje, porém, Angola tem uma nova perspectiva: “O nosso conceito de guerra passou a ser defensivo em vez de ofensivo. Daí que tenhamos de nos preparar para dar resposta a eventuais desafios ou ameaças”, afirma Paihama sublinhando que “os militares fazem apenas aquilo que os políticos dizem para fazer”.

Alguns aspectos da diplomacia angolana passam pelas mãos de Paihama, especialmente os que estão relacionados com outros países africanos e refere, a título de exemplo, a ajuda que Angola tem prestado a países como a Zâmbia, África do Sul, Tanzânia e Zimbabué. “Não creio que o nosso país nem o continente africano estejam rodeados de ameaças. Temos que erradicar as guerras para evitar conflitos e pôr um ponto final nas contradições que hoje existem”, reconhecendo que Angola é hoje uma potência regional e, como tal, deve estar preparada para assumir esse papel. ■

P&R

José Leitão da Costa e Silva

President and Chairman
Gema Group

Pode a “Nova Era” trazer estabilidade política duradoura a Angola?
Acreditamos que Angola se vai manter politicamente estável porque os problemas que estiveram na origem da guerra civil desapareceram. Agora esperamos que o êxito do nosso processo político e que o reconhecimento do partido no governo pela maioria da população nos permitam consolidar essa estabilidade.

Quais são as prioridades económicas de Angola na “Nova Era”?
A recuperação das infra-estruturas do país, destruídas por anos de guerra, é vital para o nosso desenvolvimento. Tal como também nos devemos focalizar na melhoria da qualidade de vida do povo angolano, especialmente ao nível dos cuidados de saúde.

Que sectores simbolizam o futuro da economia angolana?
A energia e a exploração mineira são as nossas áreas por excelência, no entanto, o sector do *agribusiness* também oferece um vasto leque de oportunidades. Temos de construir novas fábricas para produzirem produtos com valor acrescentado que possam ser distribuídos e comercializados em todo o país.

P&R

H.E. Dan Mozena

Embaixador dos EUA em Angola

Como são as relações entre os EUA e Angola?
Temos um relacionamento muito dinâmico. Apoiámos, com seis milhões de dólares, a formação de pessoal angolano para fazer a desminagem do país. E investimos 18 milhões de dólares num programa de combate à malária, que é a principal causa de mortalidade infantil.

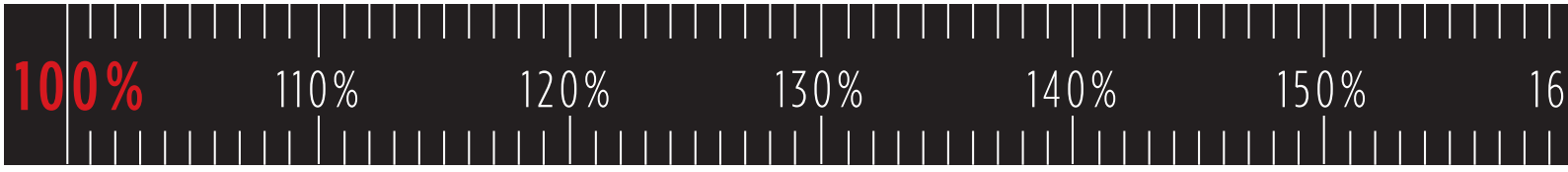
Mas os investimentos estão concentrados no sector do petróleo?
E não só. Por exemplo, uma empresa americana está a desenvolver uma unidade de gás natural que permitirá a Angola exportar energia para os Estados Unidos através do Mississipi. E a Chiquita concluiu um acordo para comprar 7,7 milhões de toneladas de bananas anualmente. Trata-se de um projecto que criará 11 mil empregos, directos e indirectos.

Quais são os principais desafios para quem quer investir em Angola?
O clima de negócios precisa de melhorar. Eu transmiti ao Presidente José Eduardo dos Santos a mensagem de que os EUA têm a visão de uma Angola que seja pacífica, segura, democrática e próspera. Ele respondeu-me que partilha esta visão e que eu deveria começar a trabalhar com este Governo para transformar essa perspectiva numa realidade. É isso que estamos a fazer.

"Angola marca"

MEDINDO O SUCESSO

O sucesso de Angola não se mede apenas pelo petróleo. O país prepara-se para receber o Campeonato Africano das Nações de futebol em 2010 e é o berço do *kuduro*, um género de música de dança que já causa furor na Europa. Com o fim da guerra, a vida animal começou a regressar aos seus *habitats* naturais, assumindo-se com um produto turístico com potencial de crescimento. Para quem gosta de conhecer um país através da literatura, aconselha-se uma viagem pela obra de Pepetela. Angola está a renascer para a vida.



Kuduro

O *kuduro* começou por ser um ritmo de dança, tendo-se transformado num género musical. Nasceu em Angola nos anos 90 e ultrapassou fronteiras, estando já disseminado em Portugal, Brasil e até Inglaterra. Dizem os estudiosos que o estilo foi iniciado por Tony Amado, quando conviveu com DJ's de *ragga* nos EUA. O seu ritmo é semelhante à do *afro zouk*, mas num andamento intermédio. A expressão *kuduro* deriva de cu-duro, até mesmo pelo estilo peculiar da dança em que se tem o quadril duro.

Paraíso do amor

É assim que é conhecida a ilha de Luanda que se estende por 10 quilómetros de praias convidativas. Tem um grande significado histórico por ter acolhido os primeiros europeus que conquistaram o território ao antigo reino do Congo. À noite, o "paraíso do amor" tem uma dezena de locais onde é possível jantar ou dançar a olhar para o mar, na esperança de ver a "kyanda", a deusa do mar que apoia as famílias, sobretudo em momentos de aflição.

Serra da Leba

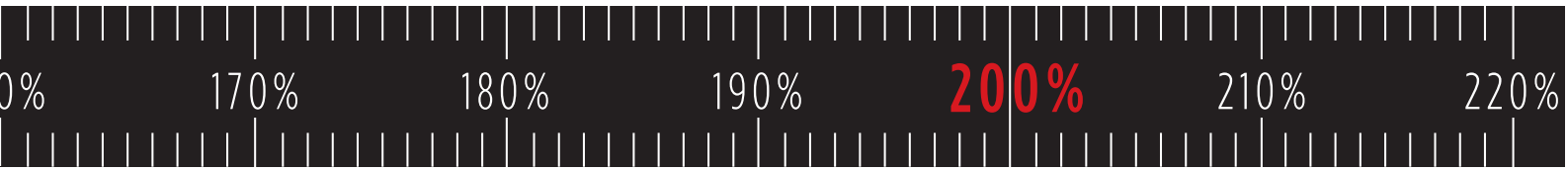
É uma das imagens iconográficas de Angola. Uma estrada que serpenteia pela Serra da Leba, também conhecida por Morro da Chela, ligando as cidades de Lubango e do Namibe. A viagem de quase uma centena de quilómetros é inesquecível e são obrigatórias paragens no miradouro do Bimbi e na cascata da estação zootécnica da Humpata.

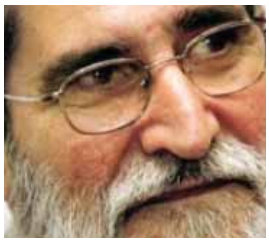
Palanca negra

Em Malange existe uma espécie animal única no mundo, a palanca negra gigante que se tornou num símbolo do país. Para os amantes da natureza existe ainda o Parque Nacional de Iona, situado na província de Namibe, onde se podem observar animais como os holongos, zebras, leões, elefantes, impalas e avestruzes. Na província do Bengo está localizado o Parque Nacional de Kissama, onde existem boas estruturas para receber os ecoturistas.

Moda

Nayma, filha do poeta e político Rui Mingas, foi a primeira angolana a conquistar o estatuto de manequim. Hoje em dia, a Moda Luanda é um dos eventos mais "in" realizados na capital. A última edição, que teve lugar em Fevereiro na Ilha de Luanda, juntou 300 convidados VIP e mais de 700 pessoas numa tenda com 1.500 metros quadrados. Os *designers* angolanos mostraram as suas colecções, prova do crescente interesse do país pela moda e pelo *glamour*.





Pepetela

O melhor escritor angolano da actualidade, autor de livros como "Mayombe", "Geração da Utopia" e "A Gloriosa Família". Inventou a personagem do detective Jaime Bunda, em cujas obras critica de forma mordaz a sociedade angolana, com a legitimidade que lhe é concedida pelo facto de ser militante do MPLA desde 1963 e ter combatido o colonialismo português. Pepetela, pseudónimo de Artur Carlos Maurício Pestana dos Santos, nasceu em 1941 na província de Benguela e é licenciado em Sociologia.

Ilha do Mussulo

Esta ilha, a Sul de Luanda, é na verdade uma restinga envolvida por uma série de pequenas ilhas. É um local simplesmente paradísiaco e frequentado pelas elites da capital ao fim de semana. Para um banho, os visitantes têm à escolha o lado continental, ou o lado oceânico, a contra-costa, onde o mar é mais agitado. Um passeio de barco é altamente recomendável. A ilha possui vários aldeamentos turísticos e é possível comprar artesanato ou vestuário típico de Angola.

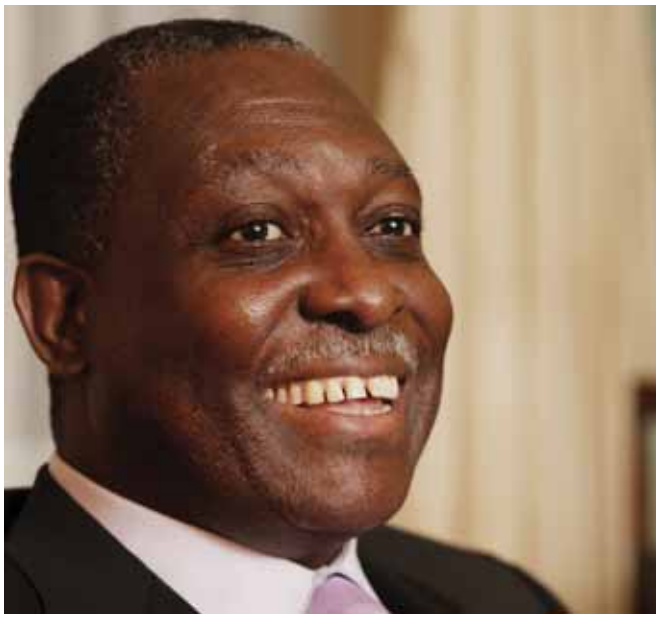
CAN 2010

Em Janeiro de 2010 Angola viverá um clima de festa. O país vai organizar o Campeonato Africano das Nações de futebol. O torneio irá disputar-se nas cidades de Luanda, Benguela, Cabinda e Lubango e está a ser preparado com todos os cuidados, dado ser o evento desportivo mais importante alguma vez realizado em Angola. O futebol é o desporto mais apreciado do país e existem grandes esperanças na selecção nacional. O ano passado, quando a equipa conseguiu, pela primeira vez, presença num Campeonato do Mundo (Suíça/Áustria), o país parou para assistir aos jogos.

Entrevista

Peninsula Press entrevista Manuel Vicente, presidente da Sonangol

por Stella Klauhs



"ANGOLA TEM RESERVAS PETROLÍFERAS PARA OS PRÓXIMOS 30 ANOS"

Manuel Vicente, presidente da Sonangol, alega que a cooperação com os Estados Unidos pode crescer em sectores como o gás natural, os petroquímicos e a refinação. Diz ainda que as reservas petrolíferas de Angola podem durar mais 30 anos, mas mostra-se favorável ao investimento em energias renováveis.

O facto de Angola ser membro da OPEP tem algum impacto nas actividades da Sonangol?

O mais importante é conseguirmos um preço equilibrado que nos permita obter lucros. Os cortes decididos pela OPEP não são permanentes. Angola reduziu a produção em cerca de 400 mil barris, mas esta decisão não é para manter eternamente. Quando as variáveis do mercado melhorarem, esta redução deixa de ser necessária. Enquanto membro da OPEP, continuaremos a desempenhar o nosso papel para manter a eficácia da política da organização.

Existem planos para aumentar a cadeia de valor e a capacidade de refinação?

A nossa meta, enquanto petrolífera nacional, é aumentar a capacidade de refinação interna para 500 mil barris por dia até 2015. Actualmente, a refinaria de Luanda tem capacidade para refinar cerca de 65 mil barris. Existe um plano de expansão e modernização para esta refinaria poder atingir os 100 mil barris por dia, e já está em curso a construção de outra refinaria no Lobito com capacidade para 200 mil barris diários. O Estado vai ainda promover o investimento no Soyo para outra refinaria, neste caso privada, com capacidade para 200 mil barris.

Em que pé se encontra actualmente a parceria energética entre Angola e os Estados Unidos?

Angola é um parceiro estratégico dos Estados Unidos na área da energia, pelo que continuaremos a exportar a nossa produção para a América. Se olharmos atentamente para o mosaico que é hoje a indústria petrolífera angolana, podemos ver que grande parte das empresas a operar no nosso país são americanas, caso da Chevron e da Esso. Mas não só. A Sonangol associou-se a uma empresa americana para construir um terminal de gás natural no estado do Mississipi. Temos uma boa parceria com os Estados Unidos e tudo indica que irá crescer. A Sonangol, enquanto petrolífera nacional, tenciona ainda investir directamente nos Estados Unidos.

Com os preços do petróleo em níveis especialmente baixos, não deveriam os angolanos preocupar-se em saber como serão financiados e quando estarão concluídos os projectos de reconstrução actualmente em curso?

Importa sublinhar que Angola não vai usar recursos directos para financiar o esforço de reconstrução nacional. A maioria destes planos só pôde ser

Massa crítica – Angola

- **Preside à OPEP em 2009;**
- **Primeiro produtor de petróleo de África;**
- **Líder global no fornecimento de petróleo;**
- **15 grandes projectos serão executados nos próximos cinco anos;**
- **Quarto produtor africano de hidrocarbonetos líquidos.**

posta em prática graças ao financiamento externo. Angola negociou uma linha de crédito com a China e, mais recentemente, com a Alemanha. Também recebemos algum apoio de Portugal, mas reconheço que temos pela frente grandes desafios. No entanto, acredito que não há razões para preocupação. Temos de ser objectivos na definição das prioridades, mas não há nada que justifique a suspensão do programa de reconstrução.

Como explica que Angola seja o maior produtor de petróleo do continente africano e continue a ser um dos países mais pobres?
Como sabe, o país viveu décadas de guerra. A Sonangol desempenhou um papel instrumental para o êxito militar e para a instauração da paz. São muitos os desafios que nos esperam, além do combate à pobreza, mas o governo continua empenhado em implementar novas políticas e em melhorar a situação. É fácil destruir e o país ficou destruído ao fim de 30 anos de guerra. Por isso, o mundo não pode esperar que possamos reconstruí-lo em apenas seis anos. Também é fácil criticar a situação que se vive em Angola. E alguns dos que hoje criticam são os mesmos que então promoveram a guerra civil.

Como imagina Angola na era pós-petróleo?
Acredito que ainda poderemos produzir petróleo nos próximos 30 anos. Não quero com isto dizer que não se aposte nas energias renováveis, uma vez que ajudam a melhorar o ambiente global e tornam o consumo mais eficiente. Não obstante, e apesar de todas estas inovações, acredito que os combustíveis fósseis vão continuar a desempenhar um papel importante na matriz energética mundial.

Como pode o novo presidente americano mudar as relações com Angola?
Evitando o chauvinismo. Congratulo-me com o facto de ser afro-americano e revejo-me nele. Espero que possa contribuir para os Estados Unidos terem um papel mais relevante no desenvolvimento de África. ■

As metas do Grupo Gallium

Mário de Carvalho
CEO
Grupo Gallium

Mário de Carvalho, presidente do Conselho de Administração do Grupo Gallium, acredita que Angola – que este ano preside à Organização dos Países Exportadores de Petróleo (OPEP) -, deve apelar à comunidade internacional para investir no país. "Temos de criar equilíbrios e mostrar ao mundo que fazemos parte deste cartel".

Quais são as principais áreas de negócio do Grupo Gallium?
Somos empresários e homens do petróleo, e as nossas raízes estão no negócio petrolífero. Inicialmente, começámos por fornecer serviços. Sabíamos desde o primeiro instante que carecíamos de capacidade técnica para desenvolver um conjunto de serviços e que, por isso mesmo, teríamos de estabelecer parcerias com as melhores empresas. Decidimos que os nossos parceiros teriam de ser fortes. Estamos mais vocacionados para trabalhar com as comunidades angolanas do que a Chevron, a Exxon ou outras grandes petrolíferas, porque conhecemos bem a realidade cultural. Somos o elo de ligação entre as grandes multinacionais e as empresas locais. Tanto falamos a linguagem das multinacionais, como das comunidades locais.

Estão previstas mudanças no modelo da indústria petrolífera angolana?
O actual modelo de parcerias com o Estado está a ficar obsoleto, por isso é natural que haja mudanças. As parcerias serão, doravante, com empresas privadas como a nossa. É este o modelo do futuro.

Quais são os potenciais parceiros e em que sectores?
Queremos começar a pensar na produção *upstream*, que inclui os petroquímicos e a refinação. Tal como queremos envolver-nos em projectos industriais. Estamos actualmente a pesquisar e a estudar todos os cenários porque são segmentos de negócio onde gostaríamos de participar.

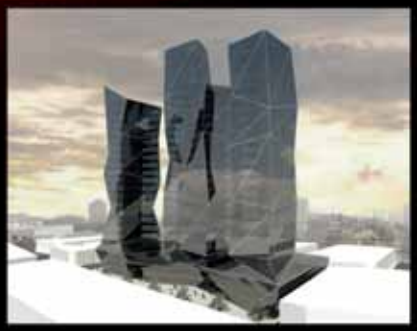
Qual é a importância do mercado norte-americano?
O mercado americano interessa a todas as empresas. Estamos presentes nos Estados Unidos desde 2008 e temos ainda um longo caminho a percorrer.

BUS CONSULTING

Investir em conjunto.

A economia de Angola está a ter um desempenho expressivo. * Temos soluções para o fazer crescer.

* Crescimento Real do PNB '05>'07 de Angola
Fundo Monetário Internacional



Ridge solutions

O melhor dos dois mundos.

www.ridgesolutions.biz

Aguinaldo Jaime, Presidente da ANIP

"TODOS OS DIAS RECEBEMOS CINCO PROJECTOS DE INVESTIMENTO"

Aguinaldo Jaime, presidente da Agência Nacional para o Investimento Privado (ANIP) diz que Angola pertence ao escasso número de países que, apesar da crise, continua a ser atractivo para os investidores estrangeiros. E acredita que Barack Obama dará uma nova era de estabilidade ao mundo.

POR RUI PAULO SILVA

Porque é que um investidor deve apostar em Angola? "Diria que somos um país abençoado pela natureza. Temos bastantes recursos e não apenas petróleo e diamantes. Temos ouro, cobre, granito, mármore e solos ricos para a agricultura. No passado, já fomos grandes exportadores de açúcar e café. E possuímos um potencial hídrico e energético muito grande", responde Aguinaldo Jaime, presidente da comissão executiva da Agência Nacional para o Investimento Privado (ANIP).

Esta agência do Estado é a porta de entrada para todos os projectos de investimento em Angola, sejam nacionais ou estrangeiros, exceptuando os petrolíferos e financeiros, constituindo um verdadeiro barómetro sobre o interesse que o país desperta junto dos empresários. As propostas, num montante até cinco milhões de dólares, são despachadas directamente pela ANIP. As que ultrapassam este montante são aprovadas em Conselho de Ministros. Até agora, apesar da crise mundial, Aguinaldo Jaime não tem mãos a medir, visto que diariamente avalia cinco projectos de investimento. "Obviamente, nem todos são aprovados. Muitos deles precisam de ser reformulados e melhorados. Mas isto demonstra bem que o movimento dos investidores, a maioria deles estrangeiros, é grande", refere o responsável.

Apesar da relevância desta estatística, o líder da ANIP aceita as críticas dos empresários, que consideram a lentidão da máquina da administrativa como um obstáculo de peso à realização de investimentos. "O excesso de burocracia, o tratamento das intenções e das propostas de investimento e as dificuldades na obtenção de vistos", são três dificuldades assumidas por Aguinaldo Jaime, que promete a aplicação "de processos que sejam mais práticos" nestas áreas e assim diminuir o número de queixas.

“

Embora a lei não obrigue, os investidores estrangeiros devem fazer parcerias com empresários angolanos. Vamos incentivar isso.

Profile

Aguinaldo Jaime é um dos políticos mais experientes de Angola e um dos rostos mais conhecidos no que respeita à representação do país no estrangeiro. Nascido em 1954 é actualmente presidente da Agência Nacional para o Investimento Privado (ANIP), depois de ter integrado o último governo como ministro-adjunto do primeiro-ministro. Licenciado em Direito e mestre em Direito Económico, Aguinaldo Jaime foi ministro das Finanças entre Junho de 1990 e Abril de 1992, bem como fundador e presidente do Banco Africano de Investimentos (BAI). Foi ainda presidente do Banco Nacional de Angola (BNA) e conselheiro do presidente do Banco Africano de Desenvolvimento (BAD).

O presidente da Comissão Executiva da ANIP avisa, no entanto, que os investidores também têm de fazer a sua parte, apostando em criar parcerias com empresários angolanos. “Embora a lei não as obrigue, elas facilitam uma relação de confiança e fazem com que o investidor passe a ter uma lógica de longo prazo. Acresce que um parceiro local acentua a confiança e o sentimento de cumplicidade”, sublinha Aguinaldo Jaime, que ocupa o cargo desde o início do ano.

O facto de Angola continuar numa trajectória de crescimento e viver um clima de estabilidade política reforçado depois das eleições legislativas de Setembro de 2008, ajuda a olhar para o futuro com optimismo. “Naturalmente, o acto eleitoral deu uma redobrada confiança aos investidores, que passaram a olhar para Angola como um mercado ainda mais seguro para aplicarem as suas poupanças. Do ponto de vista económico, quando as lideranças são reforçadas politicamente, ficam com maior capacidade para implementar as reformas estruturais que são necessárias”, constata o presidente da ANIP.

Neste quadro, o governo angolano está a concentrar os seus esforços em três eixos fundamentais. O saneamento das finanças públicas, a diversificação da economia e o aumento da oferta de emprego, através do desenvolvimento de sectores que são intensivos em mão-de-obra, como a agricultura, pecuária, construção civil e as indústrias transformadores, sobretudo no ramo alimentar, olhando ainda para sectores como as pescas e os biocombustíveis.

“O investimento público é importante no processo de reabilitação e modernização das infra-estruturas básicas e o investimento privado tem que complementar este esforço”, especialmente através de alianças entre empresários angolanos e estrangeiros, observa Aguinaldo Jaime. A ANIP aposta em criar condições para promover o nascimento deste tipo parcerias e define qual o tipo de investimento que terá tratamento preferencial por parte da sua agência. “Vamos procurar ter uma política de incentivos que promova a atracção de investimento que seja criadora de emprego, que ajude Angola a lutar contra a pobreza, que aumente as nossas exportações e que introduza tecnologias modernas na nossa economia”, afirma.

A mudança de presidente nos EUA é outro dos temas que merece especial atenção em Angola, onde a Chevron e Esso têm um papel preponderante no desenvolvimento do sector petrolífero. Aguinaldo Jaime, que exerceu diversos cargos de relevo ao serviço do governo de Angola, espera que Barack Obama “ajude o mundo a superar a grave crise económica e financeira em que presentemente vive”. Apesar desta esperança, o responsável da ANIP salienta que, mesmo durante a administração Bush, Angola manteve relações bilaterais “muito positivas e consecutivas” com os EUA. Foi durante este período que o país foi admitido no AGOA, um programa de fomento das exportações de alguns países para terem acesso ao mercado norte-americano. Agora, Aguinaldo Jaime perspectiva uma liderança diferente. “Penso que esta administração veio privilegiar uma abordagem multilateral na solução dos problemas internacionais, que são muitos e complexos. Esta visão pode ajudar o mundo a conhecer uma era de maior estabilidade e de menor tensão e isto pode ter efeitos muito positivos sobre a arquitectura das relações económicas e políticas internacionais”, conclui. ■

INDÚSTRIA AUTOMÓVEL & FINANÇAS

NEGÓCIOS TODO-O-TERRENO

Nos EUA e na Europa os bancos afundam-se, as nacionalizações sucedem-se e os accionistas vivem dias de desespero. Os fabricantes de automóveis também enfrentam momentos difíceis. Cortes na produção e despedimentos dominam o quotidiano, obrigando os governos a concederem ajudas financeiras, para tentarem evitar uma catástrofe social de maiores proporções.

POR RUI PAULO SILVA

Em Angola vive-se uma situação inversa. O sector financeiro cresce a uma velocidade vertiginosa e os comerciantes de automóveis não conseguem responder às encomendas. Em 2007, entre os 18 bancos existentes no país, o crédito à economia cresceu 85%, a carteira de depósitos aumentou 43% e a taxa de transformação de depósitos subiu 75%, contra os 46% de 2006. Os números são bons, mas a margem de progressão é gigantesca, dado que a taxa de penetração dos bancos é apenas de 6,7%, de acordo com um estudo da KPMG.

O crescimento da banca tem também impulsionado a venda de carros e muitas das aquisições neste ramo de negócio já se fazem com recurso a empréstimos bancários de longo prazo, à semelhança do que acontece nas economias mais maduras. Uma tendência que deverá manter-se, dado que o crescimento de vendas previsto para o sector automóvel, ao longo do corrente ano, ronda os 40%. Este fenómeno é impulsionado por dois factores. As empresas que se instalam em Angola, principalmente na área da construção civil, precisam de carros para exercer a sua actividade, especialmente das chamadas 'pick-up', bem como de camiões pesados. Por outro lado, a classe média é cada vez mais consumidora e o transporte próprio é sinónimo de sucesso profissional, ainda mais num país onde os transportes públicos são ineficientes. A procura é tanta que os importadores apenas se queixam de não terem automóveis suficientes para satisfazer, de forma imediata, os seus clientes. Quanto às expectativas de evolução, reina o optimismo. Os meios de transporte asseguram o desenvolvimento e este pressuposto é uma realidade incontornável em Angola.

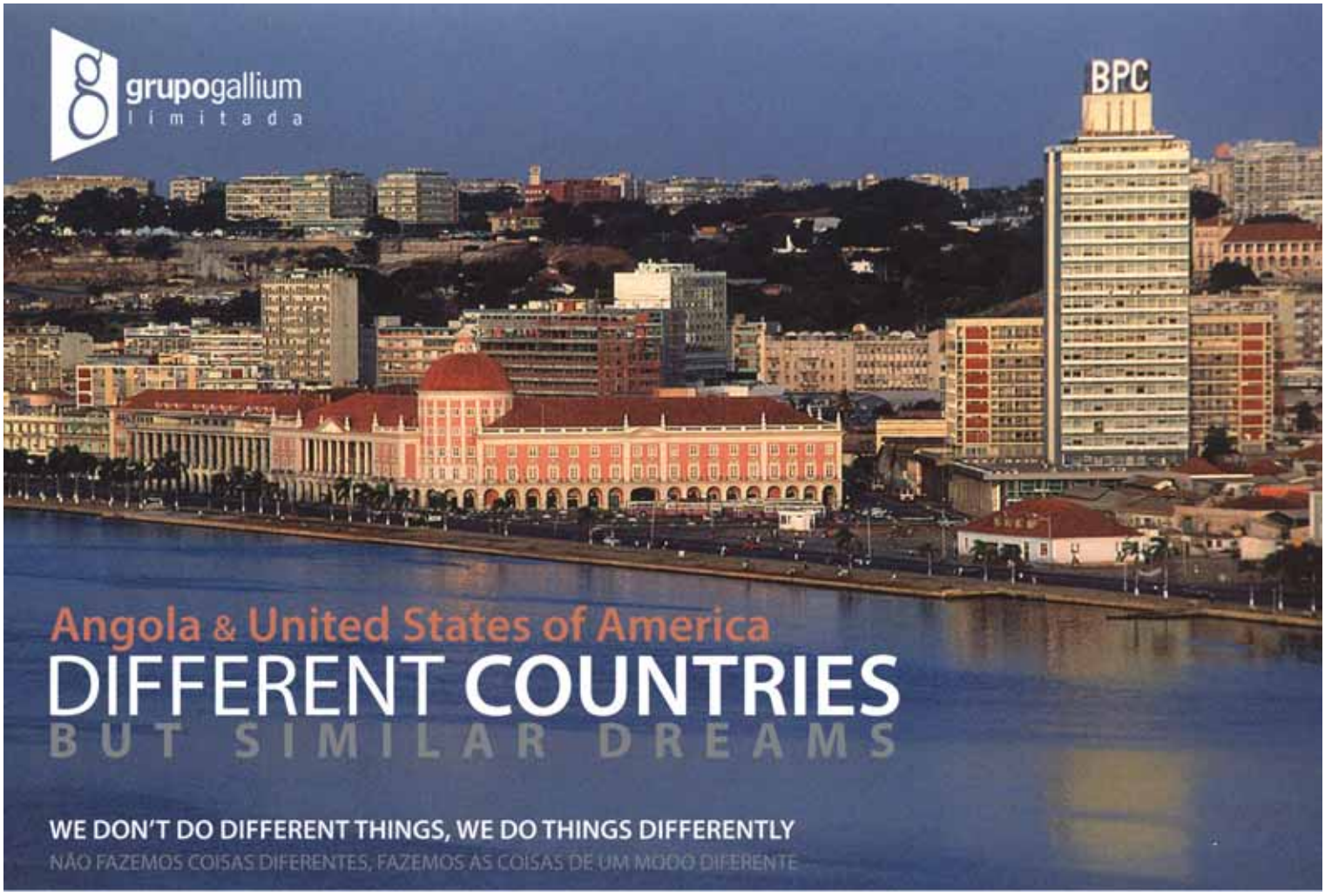
Na banca detectam-se os mesmos sintomas. O negócio cresce também de forma acelerada, impulsionado pelos investimentos, públicos e privados, de muito biliões de dólares e muito acima da média mundial. E não é só, naturalmente, por causa do crédito automóvel. O imobiliário é um sector florescente e a compra de habitação própria transformou-se numa das prioridades dos angolanos. Numa outra vertente, sectores produtivos como a indústria transformadora e a agricultura sustentam as previsões optimistas que se fazem sobre o sector. Nesta equação entram ainda os investimentos estrangeiros, os quais garantem a injecção de liquidez num sistema financeiro onde já são oferecidos produtos sofisticados como o *e-banking*. Por isso, os angolanos começam a ter uma influência crescente no sector. Os dois casos mais recentes aconteceram no Millennium Ango-

la e no BFA (Banco Fomento Angola), duas instituições anteriormente detidas a 100% por portugueses. A Sonangol comprou 49,9% do primeiro e a empresa de telecomunicações Unitel adquiriu uma posição idêntica no segundo. Com esta aposta na banca, os angolanos pretendem garantir o acesso aos fundos financeiros necessários ao crescimento da sua economia.

Os seguros são outra das áreas em franca expansão. No mercado operam sete seguradoras, seis sociedades corretoras e três sociedades gestores de pensões, licenciadas pelo Instituto de Supervisão de Seguros. Só entre 2001 e 2006 – últimos dados disponíveis – o volume de prémios passou de 86,7 milhões de dólares para 404,5 milhões, o que corresponde a um crescimento de 400%. Este ano, o governo decidiu tornar obrigatório o seguro de responsabilidade civil automóvel, facto que irá aumentar a actividade da indústria seguradora.

Em Angola, vive-se um clima de euforia empresarial e a palavra crise ainda soa como um eco distante. Os hotéis de Luanda estão sempre cheios de homens de negócios e os voos para a capital do país encontram-se, invariavelmente, esgotados. Para além disso, os quadros angolanos, depois de garantida a estabilidade política, estão a regressar ao país, ajudando a criar maiores níveis de concorrência.

"As rentabilidades e o crescimento que temos visto em todas as áreas são deveras impressionantes. O retorno do investimento faz-se em cinco anos, enquanto que noutros mercados pode levar 15, 20 anos. A oportunidade está cá e quem chegar primeiro domina o mercado", avisa Fernando Duarte, administrador do BIC Angola. ■



A PERSPECTIVA DA INDÚSTRIA

QUAL CRISE?

VEREDICTO DOS VENDEDORES

Nuno Borges da Silva

Presidente Executivo
TOYOTA

"A Toyota é conhecida pelos seus automóveis. Mas o petróleo, o gás e os cimentos também estão no seu horizonte."

Como tem sido o crescimento da Toyota?
Em 2005, a Toyota vendeu 3.500 unidades e em 2008 já atingimos as 5.300. Este ano, vamos atingir cerca de 7.000 unidades. Ou seja, triplicámos o negócio em quatro anos. Neste momento, temos uma receita de cerca de 30 a 35 milhões de dólares ao mês. Neste sector, somos a maior empresa de Angola.

Como é que se vai desenvolver o mercado automóvel?
Estão em curso investimentos de muitos biliões de dólares e obviamente que isso impulsiona o mercado automóvel que também está a crescer imenso.
A perspectiva é que este ano se vendam no mercado 26 mil unidades, veículos novos, e que este número duplique em 2012/13. Há um outro aspecto muito importante. O sistema financeiro está melhor organizado e hoje, por exemplo, 25% das nossas vendas já são feitas com recurso a empréstimos bancários. Isso veio dar uma grande ajuda ao desenvolvimento do mercado. Além disso, a Toyota vai diversificar em Angola, estando a desenvolver projectos ligados ao petróleo, ao gás e eventualmente aos cimentos. Que poderão avançar no próximo ano.

Qual é o vosso posicionamento no mercado?
Somos líderes. Nós copiamos muito os europeus no estilo de vida e agora estamos a fazer o mesmo em relação aos americanos, possuindo carros grandes. Isso ajuda a Toyota a ter sucesso porque é um carro de qualidade e que, ao fim de três anos, tem um valor mais considerável no mercado que um automóvel de outra marca. Neste momento, somos a maior empresa do grupo em África. Vendemos 700 unidades/mês enquanto que o Quénia, que era líder, vende 280 automóveis. Temos uma logística incrível e importamos 20 contentores de peças mensalmente.

Qual a imagem de Angola no exterior?
Lá fora, Angola é mal vista pela sua corrupção, mas as pessoas que vêm cá e trabalham connosco levam uma mensagem diferente. É um país com muitos problemas por resolver, mas com muitas qualidades. O que precisamos é que nos ajudem a desenvolver essas partes boas do país para as partes más serem corrigidas.

Ricardo Sousa

Director Geral
Robert Hudson Ltd.

"Na Robert Hudson temos uma relação muito forte, boa e antiga com a Ford que vamos reforçando à medida que as vendas aumentam."

Como define o momento pelo qual Angola está a passar?
Noto pelas conversas que temos com os dirigentes da Ford, e mesmo com outros empresários, que o olhar sobre o potencial de Angola está a mudar muito e para melhor. Quanto aos EUA, noto algum desconhecimento em relação a Angola. Não há como travar o progresso neste país e o caminho que se tomou não pode ser parado. Angola vai crescer muito e estamos a beneficiar da crise internacional.

Qual é a trajectória da Hudson?
Inicialmente, era uma empresa sul-africana que nada tinha que ver com automóveis. Agora, somos detidos a 100% pela Portianga, uma empresa do grupo português Salvador Caetano.

Como é a vossa relação com a Ford?
Muito forte, boa e antiga. Não só porque as vendas vão aumentando, mas também por força dos investimentos que estamos a fazer noutras províncias de Angola, além de Luanda.

Quais são os números do sector automóvel em Angola?
O crescimento deve ultrapassar, seguramente, os 40% ao ano. O sector automóvel é o reflexo do sector da economia do país. Se as empresas de construção estão a crescer precisam de meios de transporte. O próprio empresário que resolve abrir a sua loja necessita de carros, porque aqui não temos uma rede de transportes públicos. O automóvel acaba quase por ser um bem de primeira necessidade, porque sem ele não há desenvolvimento.

Qual o modelo mais vendido?
É a 'pickup 4x4', para um tipo de cliente muito específico, as empresas de construção. Neste momento, os nossos números só não são maiores porque não temos mais carros para vender. Não estamos a conseguir satisfazer as encomendas. Não estava à espera de um crescimento tão grande e tão rápido, não obstante estarmos a fazer esforços para resolver esse problema abrindo uma linha de montagem na África do Sul para produzir só para o mercado de Angola, o que nos vai ajudar.

VEREDICTO DOS BANQUEIROS

Emídio Pinheiro

Presidente da Comissão Executiva
BFA

"O sistema financeiro angolano tem vindo a lidar com o enorme desafio do crescimento."

Como define o sistema financeiro em Angola?
É um mercado que se caracteriza fundamentalmente por ter que lidar com um fenómeno positivo que é o fortíssimo crescimento, num país em que as infra-estruturas ainda são muito débeis.

Como está a contribuir o BFA para o plano de reconstrução de Angola?
Desde logo, canalizando fundos para os projectos de reconstrução do país. Temos uma carteira de obrigações do Estado na casa dos 700 milhões de dólares. Depois, temos a nossa actividade bancária de apoio às empresas que executam esses projectos. Temos um terceiro, que é um contributo decisivo para a estabilização da economia. Hoje, há cada vez mais pessoas que recebem o seu ordenado no banco, o que abre a possibilidade de recurso ao crédito para clientes particulares. Finalmente, o crescimento do banco reflecte-se no emprego, na qualificação e na formação das pessoas.

Quais são os sectores mais apelativos para os investidores?
São os associados à construção, os serviços, onde há muito para fazer, e numa ou noutra área industrial mais vocacionada para o mercado interno.

Fernando Duarte

Administrador
Banco BIC

"Em termos de investimento, Angola ainda está muito aquém da sua capacidade real."

Angola está a viver uma nova era?
O sentimento é, claramente, que o país está no bom caminho, que mexe todos os dias e que é extremamente compensador o investimento que estamos a fazer em Angola, seja ao nível financeiro, seja ao nível de indústria, seja ao nível do comércio. O que vemos com os nossos clientes é que todos acham que Angola 'is a place to be', e um dos poucos mercados que têm ritmos e índices de crescimento, claramente acima da média mundial.

Este é um bom momento para se investir no país?
Do ponto de vista de *business opportunity* o momento já existe há cinco anos. Por cada ano que passa vai-se perdendo o momento, porque outras empresas se vão instalando cá e quem quiser entrar a seguir terá uma tarefa mais difícil. No entanto, é um grande mercado, com enorme potencial e continua virgem. Dito isto, os obstáculos são grandes. Existe um peso burocrático que herdámos do passado colonial e que só agora, com a estabilidade que se vive, se pode resolver.

FAZER MELHOR

O Governo de Angola vai investir, este ano, 40 mil milhões de dólares, em projectos de reconstrução, para concretizar o sonho do Presidente da República, Eduardo dos Santos, de transformar o país num "canteiro de obras". A China continua a ser o principal financiador externo, mas países como a Alemanha, Portugal e Espanha estão também a conceder linhas de crédito. POR RUI PAULO SILVA

O desejo do Presidente da República, José Eduardo dos Santos, de transformar Angola num "canteiro de obras", continua a concretizar-se a passo acelerado. Da rede viária aos caminhos-de-ferro, passando pela agricultura e o comércio, o país vive uma febre de investimento privado e obras públicas, a maioria assegurada através de financiamento externo.

Para este ano, o governo angolano tem previsto um plano de investimentos na ordem dos 40 mil milhões dólares, destinado a projectos de reabilitação. A par desta verba, a China vai reforçar em dois mil milhões de dólares o crédito destinado a financiar os projectos de reconstrução nacional, de forma a compensar a quebra de receitas que o país deverá conhecer este ano, provocada pela descida do preço do barril de petróleo.

Com esta nova linha, concedida através do Eximbank, os apoios da China a Angola, desde 2004, já totalizam os 6,5 mil milhões de dólares, sendo estes pagos através da exportação de petróleo. A este valor, somam-se 2,9 mil milhões de dólares, disponibilizados através do Fundo Internacional da China, transformando este país no maior financiador dos projectos de reconstrução promovidos por Angola.

Alemanha, Espanha e Portugal são outros países que estão a reforçar o seu apoio a Angola. A Chanceler Angela Merkel anunciou, em Março, a abertura de uma linha de crédito de 1,7 mil milhões de dólares para financiar investimentos alemães em Angola em áreas como a energia, água, indústria mineira, saúde, construção civil e formação profissional. Espanha também disponibilizou 600 milhões de dólares para projectos de reconstrução. Quanto a Portugal, a Caixa Geral de Depósitos (CGD) – banco detido a 100% pelo Estado – criou uma linha de crédito de 500 milhões de dólares, com o aval do Governo daquele país. A verba destina-se a financiar projectos de investimento público para a construção de infra-estruturas em que participem empresas portuguesas.

O quotidiano de Angola é feito de investimentos. Na agricultura, por exemplo, estão abertas linhas de crédito público para um projecto de cana-de-açúcar e desenvolvimento de 25 mil hectares nas províncias de Uíge, Zaire e Bengo, a cargo da brasileira Odebrecht e da angolana Sonangol. Na indústria, os portugueses da Unicer vão colocar em funcionamento, em Luanda, uma unidade fabril para o engarrafamento de água mineral. Quanto ao Ministério das Obras Públicas, está em curso o Plano Director de

As metas da Movicel

Em Angola, o Governo defende os seus interesses. Não é como noutros países africanos.

Wang Xiangguo
CEO
Movicel

Por é que o Governo angolano confia tanto em grupos chineses?
A razão principal é porque o governo chinês é muito diligente em desenvolver boas relações com Angola.

Como é que chegou a Angola?
Este ano, o governo de Angola decidiu privatizar a Movicel e a ZTE, a que pertenço, foi convidada para ser o seu sócio estratégico. Numa fase posterior, pretendemos conseguir financiamento para comprar acções e depois convidaremos um outro sócio estratégico, um operador, a China Mobile ou a China Unicom, que irá dirigir a Movicel. O que está previsto é que a Angola Telecom fique com uma participação de 20% e capitais angolanos com 49%.

Quais foram os maiores obstáculos que encontrou?
Este governo é muito difícil. Não é como noutros países africanos. Para desenvolver algo é preciso fazer contactos com o governo e compreender os seus próprios interesses. No Congo, em Kinshasa, é muito diferente.
As pessoas não se preocupam com o governo. Simplesmente, fazem os seus negócios e não há nenhuma entidade reguladora. Aqui é diferente.

Quais são as metas de negócio da Movicel?
Com dois operadores, o nosso objectivo é ter uma quota de 50%. Se existirem três passará a ser de 40%. Agora, a nossa quota de mercado diminuiu porque usamos a tecnologia CDMA, mas isso mudará quando utilizarmos GSM.

E quando é que isso acontecerá?
Se o processo de privatização estiver finalizado em Abril de 2009, poderemos proporcionar esse serviço aos clientes no final do ano.

Quantos clientes têm actualmente?
Dois milhões e meio e somos fornecedores de Internet.

E em que pressupostos vai assentar a captação de clientes?
Actualmente, a cobertura da rede de Movicel localiza-se apenas nas grandes cidades. O compromisso assumido com o Governo é o de passarmos a cobrir 70% a 80% do território.

Está optimista?
Penso que podemos conseguir este objectivo. Este é um sector chave, especialmente em África, onde o número de utilizadores de telemóveis aumentou imenso. Assim este número já poderá ser equiparado a outros países.

Saneamento de Luanda, a construção de estradas e estacionamento nesta cidade, onde o aeroporto está também a ser alvo de obras de reabilitação e melhoramento. Já no sector comercial, encontra-se em execução o projecto de construção de entrepostos frigoríficos em 12 das 17 províncias de Angola e a continuação do Programa de Reestruturação do Sistema de Logística e Distribuição de Produtos Essenciais à População (Presild), o qual se traduz na constituição de uma rede de supermercados baptizados de "Nosso Super".

Em todo o país multiplica-se a construção ou reabilitação de infra-estruturas. A ponte sobre o Rio Kwanza, em Malanje, estará concluída em Novembro, as barragens de Lomaum e Biopio, em Benguela, serão reabilitadas este ano, o mesmo acontecendo às redes eléctricas das províncias das Lundas Norte e Sul. Os exemplos são intermináveis, mas podem ainda ser referenciados a produção de algodão na província do Kuanza Sul e a reabilitação do caminho-de-ferro de Benguela, que atravessa todo o território angolano numa extensão de 1.037 quilómetros, entre o Lobito e o Luau. O projecto, calculado em 1,8 mil milhões de dólares, é vital para a economia angolana e para os países vizinhos, casos da Zâmbia e da República Democrática do Congo. Também este ano, os esforços estarão concentrados na construção dos estádios de Luanda, Benguela, Huíla e Cabinda, que irão receber o Campeonato Africano das Nações de futebol em Janeiro de 2010. O evento está a impulsionar a construção de estradas e de unidades hoteleiras, para responder ao crescimento da procura turística que se irá registar.

Em paralelo, para garantir que os benefícios do investimento estrangeiro se estendem a todas as províncias, o Governo acaba de introduzir o conceito de Zonas Económicas Especiais, concedendo incentivos fiscais a quem se instale em zonas do interior e assegurando, como contrapartida, a existência de infra-estruturas básicas capazes de responder às necessidades dos investidores. Uma das primeiras deverá ser constituída na zona da Catumbela, Benguela, a 600 quilómetros de Luanda.

O optimismo de Angola, contudo, é refreado pelos organismos internacionais. O Banco Mundial continua a alertar para a necessidade de o país apostar em reduzir a pobreza e melhorar o acesso a serviços básicos, criando também um ambiente favorável ao investimento interno e externo. Já a consultora internacional, KPMG, defende ser necessário efectuar uma reforma dos sistemas legais e reguladores, para que se crie uma economia clara, transparente e aberta ao investimento privado. O governo angolano diz estar atento e promete alterar leis, diminuir a burocracia e facilitar o investimento estrangeiro. ■

Tomasz Dowbor
Director Geral
Solida Corporation

P&R

Qual é actualmente a actividade da Solida Corporation?
Estamos com 12 diferentes empreendimentos, projectos residenciais de médio porte, 50 a 80 casas, passando por produtos para a classe média baixa, aldeamentos residenciais e projectos comerciais.

Estão disponíveis para parcerias?
Desenvolvemos algumas iniciativas para convidar, tanto brasileiros como americanos para outras áreas, mas no negócio específico focámo-nos em parcerias locais. Desde há dois anos que temos parcerias muito fortes com chineses, tanto ao nível do financiamento, como da construção.

Qual é a maior dificuldade para os investidores estrangeiros?
A burocracia. Todo o contexto jurídico e legal é complicado.

SPOTLIGHT: RIDGE SOLUTIONS

UMA ÂNCORA PARA SEGURAR INVESTIMENTOS

José Ramos
Presidente
Ridge Solutions

Do Cunene a Cabinda, Angola é um país em reconstrução. Dos transportes à habitação, as oportunidades de negócio florescem. A capital Luanda é o barómetro destas transformações, mas todas as províncias apresentam um elevado potencial de desenvolvimento. POR RUI PAULO SILVA

A Rigde Solutions fez o diagnóstico e é hoje uma das principais empresas angolanas, servindo de âncora para os investidores estrangeiros, em áreas como o imobiliário, o sector financeiro e os recursos naturais. "A nossa missão é criar as melhores soluções de investimento, ter as melhores práticas de negócio e produtos com valor de mercado múltiplo, orientados para satisfação total dos nossos investidores, dos accionistas e da comunidade" sintetiza José Ramos, presidente da Ridge. A empresa estima atingir, nos próximos cinco anos, um volume de negócios de 15 mil milhões de dólares.

Um dos cartões-de-visita da actividade da Ridge Solutions é o complexo residencial Eden's Jardim. Implantado numa área de três milhões de metros quadrados a sul de Luanda, a empresa já construiu duas mil casas e tem projectada a construção de 100 edifícios, 48 com quatro andares e número igual de moradias destinadas ao segmento alto. Tudo isto numa zona onde se localizará o novo aeroporto internacional de Luanda, um estádio de futebol para receber o Campeonato Africano das Nações de futebol, em 2010, e uma universidade pública. "Analisamos a *performance* do sector bancário no crédito à habitação para ajustarmos a nossa oferta com produtos destinados às classes baixa, média e alta", explica José Ramos.

Na área do imobiliário, a Ridge Solutions planeia também construir um centro comercial em Luanda e para Talatona, uma zona da capital, tem o projecto "Blue Diamonds Towers", composto por oito torres de oito andares e um hotel de cinco estrelas com 200 quartos. A estes somam-se os edifícios Platinium e Marimba, com 19 e 11 andares, respectivamente. Nos segmentos das classes baixa e média, a Ridge Solutions – cujos activos rondam os quatro mil milhões de dólares – tem os olhos postos em províncias como o Huambo, Lobito, Benguela e Lubango.

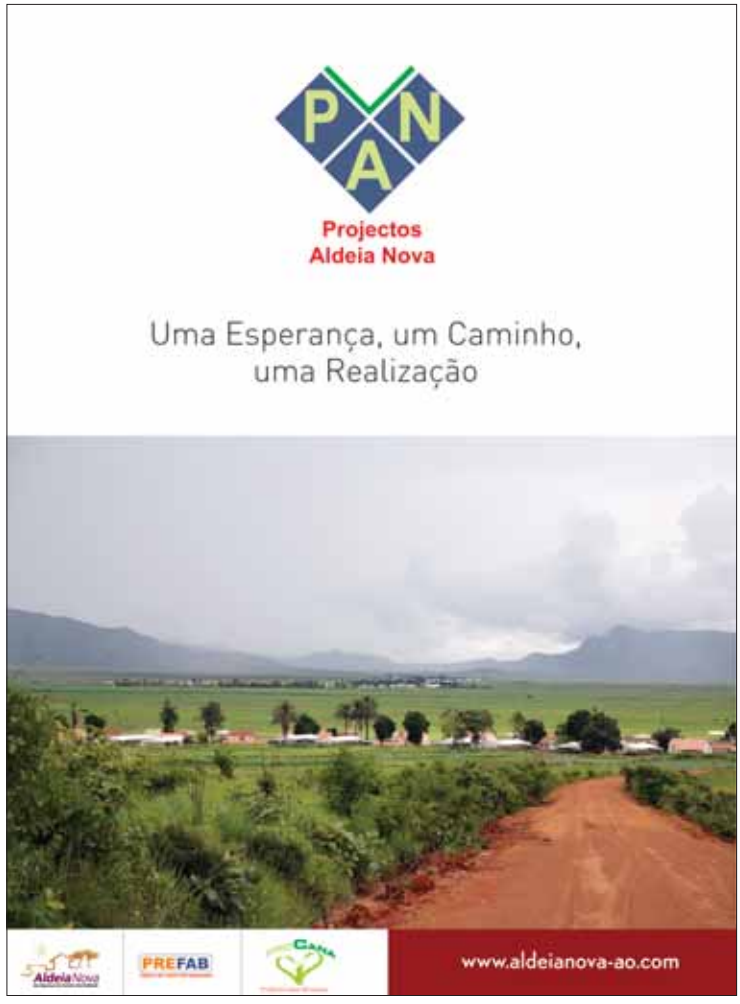
José Ramos diz que uma das chaves do sucesso da Ridge Solutions passa por conciliar o melhor do mundo africano com aquilo que o Ocidente tem para oferecer. Como tal, a empresa tem recorrido a profissionais dos EUA, Portugal, Brasil, África do Sul e Inglaterra para aplicar a mais recente tecnologia existente nos projectos que tem para Angola. Em simultâneo, tem apostado fortemente na formação dos seus gestores que actuam com independência, face às instituições governamentais, pelo que a formação de parcerias com a Ridge Solutions é uma ponte entre Angola e a sua visão internacional, acrescenta o gestor.

No sector dos transportes, as oportunidades também são vastas. Antes da independência, em 1975, o país tinha 73 mil quilómetros de estradas. Hoje, esse número diminuiu substancialmente e a Ridge Solutions já fez o trabalho de casa para captar investidores. Realizou um levantamento da topografia de Angola recorrendo ao sistema GPS para fotografar com precisão todas as regiões do país e actualmente dispõe de uma base de dados que a coloca numa situação privilegiada para identificar necessidades e investimentos.

Abertos ao investimento

A Ridge Solutions pretende abrir 40% do seu capital a investidores estrangeiros, garantindo que os futuros accionistas terão acesso aos benefícios gerados pelos projectos de curto e médio prazo em que a empresa já está envolvida. Além do imobiliário, hotelaria mineração e transportes, a Ridge vai avançar com investimento avaliado em 80 milhões de dólares num projecto de aquacultura, para a produção de cinco mil toneladas/ano de camarão-tigre. Os alvos são os mercados europeus, asiático e norte-americano, onde o consumo deste marisco tem vindo a crescer. Só no Japão, estima-se que o consumo seja de 300 mil toneladas por ano – valores recorrentes entre os maiores consumidores do planeta.

Outra área de desenvolvimento é a aposta no fabrico de material de construção: blocos e telha. A Ridge criou o RS Capital em 2008, na sequência de numerosos projectos e de ambiciosos planos de expansão. Esta sociedade gestora de fundos de investimento dedica-se à gestão de fundos de investimento imobiliário do grupo, à administração do investimento imobiliário de terceiros e à prestação de serviços de consultoria. "Estamos focalizados na capitalização dos investimentos dos nossos clientes", afirma José Ramos, que prevê amplos progressos nos mais diversos sectores da economia. ■



Agro-indústria

NOVO FÔLEGO

Um dos principais objectivos desta nova Angola é explorar o imenso potencial da agro-indústria num país com 8 milhões de hectares de solo arável e cerca de 20% das reservas de água do continente africano. POR EMANUELE GIUSTO

O governo angolano tem vindo a aumentar o investimento no sector agro-pecuário, em linha com as metas definidas pela Comunidade para o Desenvolvimento da África Austral (SADC, na sigla inglesa), apostando em projectos-chave para o desenvolvimento.

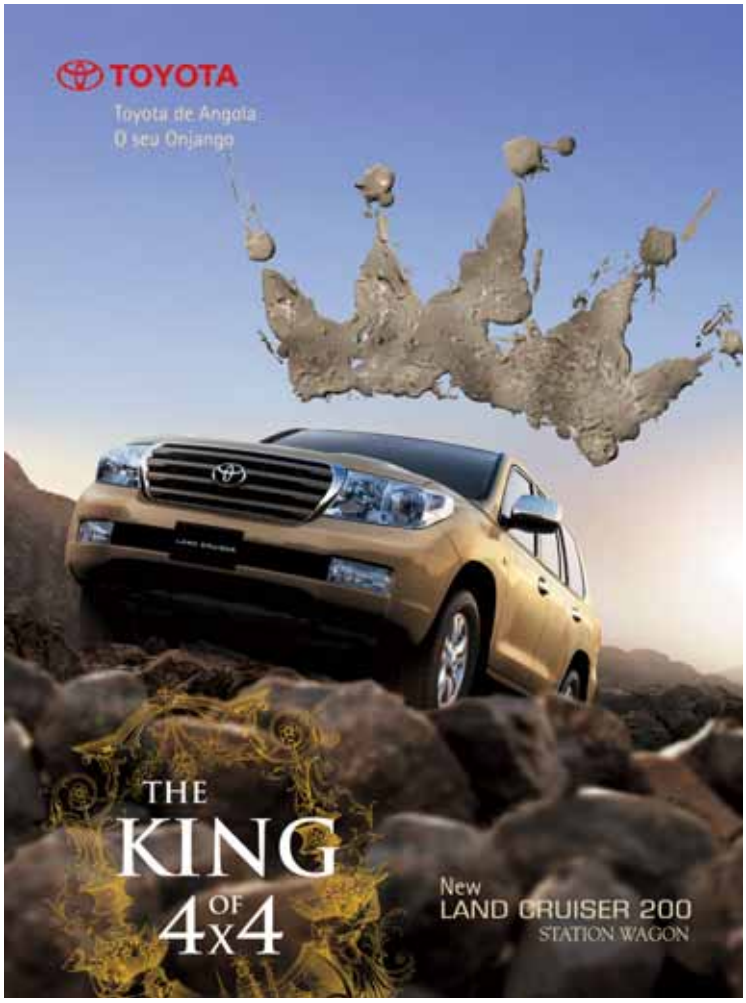
A província do Kwanza Sul é um dos melhores exemplos. É aqui que está em curso o ambicioso projecto "Aldeia Nova", liderado por Jorge Cerqueira, antigo economista-chefe do Programa de Saneamento Económico e Financeiro de Angola, que visa transformar o país numa potência agro-industrial.

O vale de Waco-Kungo, no coração do Kwanza Sul, tem terra fértil e paisagens fantásticas, e abriga um número crescente de famílias dedicadas à agricultura. O projecto inicial permitiu distribuir parcelas de terra com 3 hectares e habitação a 600 famílias (ex-militares da UNITA e do MPLA) para que cada uma se torne num microprodutor. A cooperativa central - que funciona como centro logístico e dispõe de quatro unidades agro-industriais, de uma fábrica de rações e outra de lacticínios - é responsável pela recolha, tratamento industrial e comercialização da produção.

O projecto ultrapassou todas as expectativas e irá servir de modelo à criação de "Aldeias Novas" em todo o país. "A estratégia deste projecto é impulsionar a economia agrícola com o objectivo social de criar emprego e, ao mesmo tempo, reduzir as importações de produtos alimentares", explica José Cerqueira. "O êxito deste projecto veio provar que a agricultura familiar não é sinónimo de agricultura de sobrevivência. Mas também chama a atenção para a necessidade de o sector empresarial investir na agricultura e nas infra-estruturas ligadas à energia e ao abastecimento de água. Um país como os EUA, por exemplo, pode investir aqui em projectos de longo prazo, designadamente na distribuição de energia ou na construção de barragens".

José Cerqueira
Director Geral
Aldeia Nova

Na próxima década, a maior fatia de investimento será destinada à produção de milho, girassol, arroz, soja e outros cereais, bem como à agro-indústria. "O governo também deve ponderar investir na cana-de-açúcar. A nossa experiência diz-nos que pode ter um papel importante na dinamização da economia rural idêntico ao desempenhado pelo café depois da Segunda Guerra Mundial", realça José Cerqueira. E acrescenta: "Estas experiências têm sido levadas a cabo tendo em mente outro importante objectivo: a produção de biodiesel". ■



PENINSULA PRESS

USA Office
1050 Connecticut Avenue, NW, 10th floor, Suite 1000 Washington, DC 20036 - USA
www.peninsula-press.com

Spain Office
Paseo de la Castellana, 95. 15 Planta 28046
Madrid - Spain
Tel +34 91 418 50 32
info@peninsula-press.com

Editor **Stella Klauhs**
Directora de Projecto **José Powell**
Director de Pesquisa e Informação **Emanuele Giusto**
Redacção **Rui Paulo Silva, Siddhartha Mitter**
Revisão **Ana Godinho**
Tradução **Ana Pina**
Design **Nuno Teixeira, Marta Conceição**
Fotografia **Emanuele Giusto, Miguel Baltazar, S.XC, iStockphoto**
Ilustração **Henrique Monteiro**